

# V CANTO DOS POETAS

“  
*Poesias e*  
MINICONTOS  
”

# CANTO DOS POETAS V

"Poesias e  
Minicontos"

Copyright© 2021

Direitos adquiridos para esta edição pela Editora UNIFESO

**EDITORA UNIFESO**

**Comitê Executivo**

Roberta Montello Amaral (Presidente)  
Anderson Marques Duarte (Coordenador Editorial)  
Valter Luiz da Conceição Gonçalves

**Conselho Editorial e Deliberativo**

Edenise Silva Antas  
Roberta Montello Amaral  
João Cardoso de Castro  
Mariana Beatriz Arcuri  
Verônica dos Santos Albuquerque  
Vivian Telles Paim

**Assistente Editorial**

Laís da Silva Oliveira

**Revisor**

Anderson Marques Duarte

**Formatação**

Anderson Marques Duarte

**Capa**

Thiago Pereira Dantas (Thierry)

C233 Canto dos Poetas V: poesias e minicontos. / Ana  
Maria Gomes de Almeida (org.). Coleção  
FESO. Teresópolis: Editora Unifeso, 2021.

1. Poesia brasileira. 2. Poetas brasileiros. I.  
Almeida, Ana Maria Gomes de. II. Título.

ISBN: 978-65-8757-22-5.

CDD B869.1

**EDITORA UNIFESO**

Avenida Alberto Torres, nº 111  
Alto - Teresópolis - RJ - CEP: 25.964-004

Telefone: (21)2641-7184

E-mail: [editora@unifeso.edu.br](mailto:editora@unifeso.edu.br)

Endereço Eletrônico: <http://www.unifeso.edu.br/editora/index.php>

## **CONSELHO DIRETOR**

Antônio Luiz da Silva Laginestra  
**Presidente**

Jorge Farah  
**Vice-Presidente**

Luiz Fernando da Silva  
**Secretário**

José Luiz da Rosa Ponte  
Kival Simão Arbex  
Paulo Cezar Wiertz Cordeiro  
Wilson José Fernando Vianna Pedrosa  
**Vogais**

Luis Eduardo Possidente Tostes  
**Diretor Geral**

## **CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS – Unifeso**

Antônio Luiz da Silva Laginestra  
**Chanceler**

Verônica Santos Albuquerque  
**Reitora**

José Feres Abido de Miranda  
**Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional**

Roberta Montello Amaral  
**Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão**

Edenise da Silva Antas  
**Diretora de Educação a Distância**

Mariana Beatriz Arcuri  
**Diretora do Centro de Ciências da Saúde**

Vivian Telles Paim  
**Diretora do Centro de Ciências e Tecnologia**

Michele Mendes Hiath Silva  
**Diretoria de Planejamento**

Solange Soares Díaz Horta  
**Diretoria Administrativa**

Rosane Rodrigues Costa  
**Diretoria Geral do Hospital das Clínicas de Teresópolis Costantino Ottaviano**

Roberta Franco de Moura Monteiro  
**Diretoria do Centro Educacional Serra dos Órgãos**

# Coleção FESO

A **Coleção FESO**, desde 2004, tem sido o principal meio de difusão da produção acadêmica do Centro Universitário Serra dos Órgãos - Unifeso, realizada a partir das atividades de ensino, pesquisa e extensão dos seus cursos de graduação e pós-graduação, assim como das suas unidades assistenciais e administrativas.

Primando pela qualidade dos produtos editorados e publicados, a Editora UNIFESO publica conteúdos relevantes nas mais diversas áreas do conhecimento através de um cuidadoso processo de revisão e diagramação.

É uma das mais importantes contribuições da Instituição para a sociedade, uma vez que a sua divulgação influencia na recondução de políticas e programas na esfera pública e privada, de forma a fomentar o desenvolvimento social da cidade e região. Todo esse processo fortalece o projeto de excelência do Unifeso como Centro Universitário. Nossas publicações encontram-se subdivididas entre as seguintes categorias:

**Série Teses:** Contempla as pesquisas defendidas para obtenção do grau de “Doutor” em programas devidamente autorizados ou credenciados pela CAPES, publicadas em formato de livro.

**Série Dissertações:** Abarca as pesquisas defendidas para obtenção do grau de “Mestre”.

**Série Pesquisas:** Contempla artigos científicos, resenhas e resumos expandidos/textos completos. Estas produções são divulgadas em formato de livros (coletâneas), periódicos ou anais.

**Série Especiais:** Esta publicação contempla textos acadêmicos oriundos de processo de certificação de docentes como pós-doutores.

**Série Produções Técnicas:** Abrange produções técnicas advindas de trabalhos de docentes, discentes e funcionários técnico-administrativos sobre uma área específica do conhecimento que contemplem produtos ou serviços tecnológicos (com ou sem registro de proteção intelectual); processos ou técnicas aplicados; cartas e mapas geográficos. As formas de divulgação destas produções podem ser em meios impressos ou digitais, no formato de cartilhas,

POPs (Procedimento Operacional Padrão), relatórios técnicos ou científicos e catálogos.

**Série Materiais Didáticos:** Reúne os trabalhos produzidos pelos docentes e discentes com vinculação aos componentes curriculares previstos nos projetos pedagógicos dos cursos ofertados no Unifeso.

**Série Arte e Cultura:** Abarca as produções artístico-culturais realizadas por docentes, técnicos-administrativos, estudantes, instrutores de cursos livres e artistas locais, assim como as produções desenvolvidas junto aos eventos do Centro Cultural FESO Pró-Arte (CCFP), podendo ser constituída por livros, partituras, roteiros de peças teatrais e filmes, catálogos, etc.

**Série Documentos:** Engloba toda a produção de documentos institucionais da FESO e do Unifeso.

A abrangência de uma iniciativa desta natureza é difícil de ser mensurada, mas é certo que fortalece ainda mais a relação entre a comunidade acadêmica e a sociedade. Trata-se, portanto, de um passo decisivo da Instituição no que diz respeito à compreensão sobre a importância da difusão de conhecimentos para a formação da sociedade que queremos: mais crítica, solidária e capaz de enfrentar as dificuldades que se apresentam.

Desejo a todos uma ótima leitura!

*Roberta Montello Amaral*

**Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão – Unifeso**

# Prefácio

As histórias do UNIFESO e da ATL – Academia Teresopolitana de Letras – estão intimamente ligadas. Na fundação de ambas instituições encontramos os mesmos nomes; A ATL faz parte, como membro nato, do Conselho do UNIFESO; A ATL tem e teve em seus quadros figuras proeminentes do Corpo Docente do UNIFESO, e deixo de citar nomes para não ser injusto em caso de omissões, tantas as contribuições do UNIFESO para os quadros da ATL, no passado e presente.

Assim, todas as vezes que for chamada para colaborar, a ATL estará pronta e a postos para as missões e encargos que lhe forem confiados. Dessa vez, pela nímia gentileza da Professora Ana Maria Gomes de Almeida, Diretora do Centro de Ciências Humanas e Sociais, fomos solicitados a colaborar no Concurso Canto dos Poetas V, desde a elaboração do regulamento até a apreciação dos trabalhos concorrentes, por especial deferência da Professora Roberta Amaral, Diretora do DPPE.

Para a classificação final tomamos o cuidado de ouvir, dentro dos quadros de membros Efetivos da ATL, pessoas de gostos e idades diferentes para uma apreciação bem heterogênea cabendo ao Presidente, quando houve, o voto de desempate.

Assim consideramos adequado premiar praticamente todos os participantes, de vez que os trabalhos apresentados foram de excelente qualidade e com uma

vasta gama de enfoques. Quem ganhou com isso foi a Comissão Julgadora, que se deliciou, muitas vezes, com os saborosos textos apresentados.

Tive o privilégio de ler e reler todos os trabalhos, sem nenhum esforço; ao contrário, com enorme prazer. Todos os concorrentes receberam o troféu comemorativo dos 60 anos da ATL, além de livros de Acadêmicos e do diploma de participação.

A ATL só tem a agradecer a oportunidade de, mais uma vez, estarem unidas duas Instituições tão importantes em nossa Cidade num evento dessa relevância, e que é parte importante e marcante na história da Cultura de Teresópolis. Para finalizar, ofereço aos participantes a poesia “o Poeta resiste”, como homenagem a todos os que aceitaram o desafio:

Apesar da discórdia, das ofensas e agressões,  
o Poeta resiste.

Apesar das doenças, das pandemias e das fraquezas,  
o Poeta resiste.

Apesar das mortes anunciadas, dos funerais sem  
presença,  
dos adeuses não ditos,  
o Poeta resiste.

Apesar da ignorância, do medo, da incompreensão,  
o Poeta resiste.

Apesar do desamor, da ganância, da indiferença,



o Poeta resiste.

Apesar da melancolia, da tristeza, da desesperança,

o Poeta resiste.

Pela Poesia, para a Poesia, por causa da Poesia,

o Poeta resiste.”

**Acadêmico Delmo G. Ferreira**

Presidente ATL Biênio 2020/2022



# Apresentação

*É preciso trabalhar todos os dias pela alegria geral. É preciso aprender esta lição todos os dias e sair pelas ruas cantando e repartindo, a mão cristalina, a fronte fraternal.*  
(Thiago de Mello)

Nas edições anteriores, no Canto dos Poetas soaram vozes as mais diversas, desde poetas desconhecidos de Teresópolis até consagrados autores. Desta vez, a proposta foi ouvir o canto daqueles que pertencem à comunidade interna da Feso.

Vivendo ainda em tempo de pandemia da Covid-19, surgiu a necessidade de conhecer e divulgar os autores institucionais que se encontram dispersos pelas salas de aula, corredores, pátios, enfim, pelos ambientes nos quais convivemos em situações cotidianas pouco incentivadoras à expressão artística.

Era preciso trabalhar a alegria geral. Cantar e repartir o canto dos anônimos poetas do universo institucional. E assim foi feito. Para que acontecesse o Canto, foi incorporada à nova edição a atuação da Academia Teresopolitana de Letras. Importante espaço de divulgação da cultura literária, seus membros se envolveram desde o primeiro momento, contribuindo à elaboração do edital, à seleção dos premiados bem como à premiação que aconteceu no *XXI Poêterê*, no Centro Cultural Feso Pro Arte.

Outra novidade foi a ampliação dos gêneros literários. Os participantes poderiam escolher entre poema e

miniconto. Gênero desafiador e pouco conhecido, o miniconto exige a destreza na utilização das palavras de tal forma que a breve história seja coerente, precisa, original e surpreendente.

Aberta aos estudantes e docentes do CESO e do Unifeso assim como aos funcionários técnico-administrativos, a seleção contou com a adesão de representantes desses segmentos, autores agora conhecidos da comunidade Feso.

Mais uma vez, o apoio comprometido da Direção de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão e da Gerência de Comunicação e Marketing foi fundamental para a realização do concurso e desta edição.

Nossos agradecimentos ao prof. Delmo Ferreira, Presidente da Academia Teresopolitana de Letras e ao Dr. Jorge Bragança, Pres. do Conselho da Pro Arte, cúmplices parceiros na concretização do Canto dos Poetas V.

as coisas  
não começam  
com um conto  
nem acabam com um .  
(Paulo Leminski)

Aproveite a leitura, dê asas à imaginação e continue o Canto!

Dezembro de 2021

**Ana Maria Gomes de Almeida**

# 1

## A chuva do fim de tarde e da madrugada fria

***Lucas Brasil***

Como a chuva,  
Assim existem as minhas palavras borradas.  
Nascendo no céu,  
Sem ideia de onde permanecer.  
Espalham-se sobre justos e injustos,  
Sem nenhum preconceito anterior.  
São como pequenos seres vivos sem pensamentos,  
Carregando ternura, medo ou dor.  
Por favor!  
Chame minha poesia de chuva;  
Seja a inesperada, que surge assim que você coloca o pé na rua;  
Seja a viável, que começa enquanto você mergulha entre cobertores na sua sala crua;  
Seja a oportuna e de meditação, que é a água que faz música enquanto você perambula de madrugada.  
Mas que assim seja chamada,

Odiada ou amada,  
Desejada ou rejeitada,  
Apenas sendo o que é!  
E entre águas daqui e águas de lá, uma coisa é certa:  
Sou eu também como gota que despenca do céu,  
Sem destino e sem desejo,  
Apenas cumprindo o nobre papel.  
Sendo único e todo!  
Um e um milhão de pedaços,  
A mistura do caos,  
Sinfonia do escasso.  
Os grãos de areia de diferentes praias,  
Aparentemente desconexos,  
Mas conectados a todo o resto.  
A que pode ser comparado sem alerta;  
O ato tão dramático de derramar palavras?  
Corações de mil céus,  
Nos céus eternos de prisma psíquico,  
Quando as nuvens vão embora;  
Encontro o corpo do eu lírico!  
Um chuvisco frio e fino às cinco da manhã.  
O rosto pálido e plácido,  
Recebendo as gotículas que abraçam em sua queda.  
Á água continua a cair,  
Mesmo quando o azul brande esperançoso!  
E como toda mudança,

Toda transformação,  
Com o tempo também se vai o azul,  
Assim como a chuva póstuma.  
O céu, tão nublado e sem cor,  
De um branco morto e desbotado,  
Faz pensar na ausência do amor,  
Que transforma qualquer ser humano em fracassado.  
Solo úmido, rachaduras sinceras,  
Não se escondem do olho que vê.  
Raízes em esqueletos repousam na carcaça floral,  
Então é assim que tudo vai, sim, desaparecer..  
O frio se esconde nos poros da pele,  
O cenário é assim tão eterno.  
Para sempre assim, nublado.  
Assim que me encerro,  
Calado,  
Amando,  
Sendo amado?



# 2

## A viagem de nossas vidas

***Felipe de Paula Sá***

Sexta- feira de noite. Aquele friozinho gostoso. Só eu e você juntinhos, depois de uma semana exaustiva. Olho para você antes de dar a partida no carro, e como de costume, você está linda. Pegamos a estrada rumo ao chalé em que passaremos o final de semana relaxando e aproveitando tudo que a natureza tem para nos oferecer.

A viagem é tranquila e não demora muito. Nos instalamos no quarto assim que chegamos e passamos a noite rindo e conversando em frente a lareira ao som de Blues. O dia seguinte é ainda mais adorável, começando com seu café da manhã favorito: Duas torradas amanteigadas, acompanhadas de meio mamão e um suco de laranja que fecha com chave de ouro.

As horas passam rápido ao seu lado. Depois de tirarmos várias fotos, sentamos em frente a um grande lago e jogamos conversa fora enquanto assistimos ao pôr do Sol. Fecho os olhos e dentro de minha mente faço um



desejo impossível para que esse momento não acabe. Quero congelá-lo e passar o resto dos meus dias contigo, aqui, desse jeito.

Você me fita nos olhos e anuncia de surpresa que está grávida. Meu coração aperta de alegria ao saber que serei pai e acabo deixando uma lágrima escorrer pelo rosto enquanto lhe abraço. Por um instante, sou a pessoa mais feliz do mundo.

Seria, caso eu não tivesse bebido aquela garrafa de vinho e o carro não tivesse capotado no caminho para cá.



# 3

## Absorto

***Lucas Fontes***

O inquieto silêncio do  
sofredor em meio ao  
estrondoso som de sua dor,

Explicita estar absorto  
no terror em seu  
próprio giro de horror.



# 4

## Amélia, quem te viu, quem te vê!

***Cristiany Azamor***

Amélia é de uma geração de mulheres que passou a buscar, arduamente, a realização profissional. Em gerações passadas, o ideal do feminino era o casamento e a criação dos filhos, poucas trabalhavam. Essa busca emancipatória pela autonomia profissional a possibilitou se transformar em um ser sedento por desbravar o mundo, conquistar espaços, experimentar a vida. E Amélia se tornou uma mulher assim, que consegue a façanha de transformar seu dia para 48 horas:

- Sim, porque é inimaginável pensar como conseguimos encaixar tudo o que fazemos em apenas 1440 minutos. Não, o dia não pode ter somente 24 horas!

Amélia diz isso, para sua terapeuta, com um sorriso no canto da boca, demonstrando orgulho de ser essa tal “mulher empoderada”. Essa mudança de Amélia foi desejada, batalhada, conquistada em meio a sentimento de

culpa, medo e, em muitos momentos, solidão. Reproduzindo as palavras de ordem: FAÇA! SEJA! REALIZE! CONQUISTE!, Amélia vive nesse tempo de “mulheres-maravilhas”:

- Queremos tudo, né, ou quase tudo. Não nos contentamos mais com pouco!

Nesse momento, Amélia substitui o sorriso por um olhar triste e distante. Amélia tem um conflito. Seu marido, com quem vive há dez anos, colocou-a em xeque-mate. Ou ela diminui suas atividades, ou ele sai de casa:

- Veja só, ele me deu um ultimato! Disse que eu mudei muito, que quando nos casamos eu era mais sossegada, mais caseira e agora eu quero “abraçar o mundo com as pernas!

Mas, Amélia, apesar de triste pela possibilidade de separação, já tomou sua decisão:

- Não, não abro mão! Mas não abro mão é da minha liberdade para escolher! Posso querer tudo, fazer ou não. Se compartilhamos nossa vida com alguém, as decisões devem ser tomadas em conjunto, mas tenho o direito de fazer minhas escolhas sem imposições alheias, conversando com meu parceiro, de igual para igual, numa

relação equilibrada. E quer saber? Essa foi, de fato, a minha conquista!

Nesse momento, após o discurso de Amélia, com um sorriso no canto da boca e balançando a cabeça num sinal afirmativo, sua terapeuta finalizou a sessão.

- Nos vemos semana que vem...



# 5

## AMOR

***Juliana Lila***

O porteiro interfona e avisa que há uma entrega da floricultura para ela. Martha autoriza a entrada do entregador.

Flores! Há forma mais romântica e sutil de dizer que uma noite foi formidável? Um delicioso jantar, feito por ela, com direito a vinho italiano, guardanapo de pano e a voz glamorosa de Edith Piaf ao fundo. Devaneios e risadas, seguidos de cama farta. Depois do amor, água morna na banheira, velas, incenso e horas de deleite.

Agora, chegam as flores. Estaria Martha amando novamente? Há tempos ela decidira eliminar o amor de sua vida. Não por recalque, nem por dor de cotovelo. Simplesmente, cansara. Estava exausta de tanto amar, de tantos começos, términos e recomeços.

Martha já havia amado demais. Seu primeiro amor foi o pai, por quem nutriu uma admiração profunda, até a sua morte. Ainda menina, Martha amou garotos que sequer a notavam, amores platônicos. Conforme crescia,

vivenciava vários tipos de amor: intelectual, carnal, banal, bandido, estrangeiro, branco, preto, amarelo, jovem, maduro e velho. Amor que vinha de mala e cuia, que vinha com filho ou, ainda, com a sogra. Amou pobre, rico, vagabundo, workaholic, poeta, sonhador, comunista e capitalista. Amou também mulheres, mas chegou à conclusão de que este amor é ainda mais complexo do que o amor entre sexos opostos. Até que experimentou um amor diferente de todos: o amor de mãe. Mas, assim como todos os amores, os filhos também nascem, crescem e vão embora.

Martha amou tanto que cansou. Entre a paz e o amor optou pelo primeiro e assim tentou viver, até então.

Tocam a campainha. Ela abre a porta e recebe as flores com alegria. O coração bate forte novamente. No cartão, lê a seguinte mensagem: “Para você, que eu deveria ter amado desde sempre, faço agora minha promessa de amor eterno. Beijos, Martha”.



# 6

## Ansiedade

***Vitória Dorneles***

Hoje não tem poema de amor  
O mundo parece distante  
A ansiedade deita sobre o meu peito  
Como um amante indesejado  
Eu tento lembrá-la de que esse é o meu corpo  
Sua estadia aqui não é bem vinda  
Mas ela fica irritada  
Suas mãos marcam meu pulso com fogo  
A marca é permanente  
E me lembra de todos os meus erros  
Porque de alguma forma  
Eu sempre erro  
E eu juro que nós não somos a mesma pessoa  
Eu sei que é difícil de acreditar  
Esse é um relacionamento longo  
O casal sempre assimila características do outro



Então, eu não te culpo  
Até eu me perco nessa mentira  
A ansiedade se aproxima  
Eu consigo sentir seu hálito no meu rosto  
Ele me lembra de tudo que eu nunca consegui dizer  
Ou tentar  
Ela puxa meu cabelo  
Tira o ar dos meus pulmões  
Hoje ela está tão grande  
Que parece ocupar o quarto inteiro  
Ela me diz que não tem espaço para duas de nós  
E eu entendo  
Alguém tem que tomar o controle  
Desse corpo que se recusa a lutar  
A ansiedade ri  
E diz para eu deixar  
Todas as minhas preocupações  
Para ela



# 7

## As regras do jogo

*Felipe de Paula Sá*

É, foi interessante enquanto durou.

Vivi o desespero de estar em um avião caindo.

Lutei um três contra um impossível estilo Hollywood.

Vaguei por desertos e desbravei os sete mares.

Fui ingênuo, egoísta e muito mais, tudo ao mesmo tempo.

Te salvei algumas vezes também.

Sim, você mesmo. Não se lembra?

Teve aquela vez atravessando a rua.

E aquela na praia junto com os bombeiros.

Ah não, por favor. Não precisa agradecer.

Talvez eu tenha te matado a facadas o dobro de vezes.

É, eu dito as regras do jogo.

Até eu deitar minha caneta, é claro.

Até eu deitar minha caneta...



# 8

## Assustados Demais

***Isabela Carvalho***

Liguei o noticiário. Os repórteres falavam de uma ameaça de bomba na Torre Eiffel.

A polícia evacuava o local, centro das atenções, às pressas.

O quarto estava escuro, salvo pela luz do televisor. Um homem estava no chão de minha casa. Talvez O Homem seja melhor agora. Ele era meu companheiro, quer dizer, meu futuro-ex companheiro que me batera uma vez, levando-me ao hospital. Fedia à álcool como da última vez.

O homem estava amarrado e amordaçado no piso, seus olhos implorando-me para deixá-lo ir. Não adiantaria. Dessa vez não tem perdão.

Aumentei o som da televisão. A gritaria da tela e da rua invadia a casa. As sirenes eram som ambiente. Então dei um. Dois. Três tiros. O sangue empapava o tapete.

Enrolei seu corpo no pano manchado de sangue e o arrastei para fora. Era mais pesado do que imaginei. A rua era iluminada apenas pelas luzes dos carros policiais, essas, ainda difusas nas ruelas de Paris. Não foi difícil passar com um tapete até a caçamba de lixo compartilhada pelos moradores da viela. Estava meio cheia. Não fez muito barulho.

Segui a direção das luzes e do burburinho. Do ponto turístico ameaçado. O pânico era geral e o burburinho se alastrava. Os segundos pareciam passar devagar a espera de notícias sobre o controle do explosivo. Enquanto isso, formava meu álibi, todo construído a partir de um telefonema. Sempre estivera ali. Todos estavam assustados demais com uma suposta bomba para notar um homicídio.



# 9

## Deserto

***Lucas Fontes***

A existente  
inexistência me  
fascina

como um novo dia que  
ensina.

Sob a luz da mente

percebo a semente  
sendo uma mera  
pretendente,

mas com o seu  
crescer eminente.

O ardente deserto de  
minha mente,

mente ao negar o  
inexistente.



# 10

## Doar meu coração

***Vitória Dorneles***

Eu quero doar meu coração

Ele já não me serve mais

Na verdade, tem um tempo que me sinto assim

Ele parece estar quebrado ou algo do tipo

Ele muda de tamanho tão rápido

Isso não parece ser normal

As vezes ele encolhe do tamanho de um botão

Você já tentou entrar em um botão?

É impossível

As vezes ele é tão grande, mas tão grande

Que parece uma floresta infinita

Você já tentou andar por uma floresta?

Sem mapa, bússola, descalço?

Você não encontra o caminho de casa

Fica rodando em círculos para sempre

Então é isso

Eu quero um coração de tamanho normal  
Com funcionalidades normais  
Um coração que bate, bombeia, circula o sangue  
Um coração sem metáforas  
Eu as odeio

Mas você pode ficar com o meu  
Ele não é de todo ruim  
As vezes ele faz algumas poesias  
As vezes ele vê beleza onde não tem  
As vezes ele tem esperança



# 11

## Doce veneno

***Lucas Fontes***

Ansiando pela vida,  
sonhando com a  
morte,  
  
morrendo para achar o  
porquê de meu viver,  
  
algo ao qual se  
  
prender sem  
  
repreender o amor da  
  
doce vontade de  
  
nunca perecer.





# 12

## Encontros e desencontros de uma primavera inesperada

***Breno Lagos***

Trocavam olhares discretos. Afinal, Bruno era daqueles que tinha o pé atrás com os sentimentos vindos do coração. Ninguém o culpa, por vezes suas intenções não foram correspondidas. Mas naquele dia foi diferente. Pois foi Gabriela quem iniciou a conversa. Ela, decidida e objetiva, sabia muito bem como conduzir a situação. Porém, sempre deixou claro que não acreditava no amor. Pois bem, eis que setembro chegou. E também a primavera. Ora, enquanto caminhava pela praça, ele não perdeu tempo. Colheu a rosa mais linda do jardim. Naquele momento, a única explicação para a ausência das borboletas naquele lugar, era o fato de estarem todas no estômago do nosso querido Bruno. Foram muitas conversas envolventes, muitos dias idealizando o momento que, para ele, aconteceria. Do outro lado, Gabriela era encantada por ele. Aliás, eles se falavam todos os dias por

mensagens. Eles conheciam todos os segredos um do outro. E ela sempre refletia se seria o momento certo para iniciar algo além da amizade. Talvez exista uma chance. Foi então que o celular do Bruno tocou. Era Thaís, colega da época da faculdade de direito. Ele atendeu. Ela pediu para encontrar com ele. Quis o destino que o encontro marcado fosse no mesmo lugar e momento do que com Gabriela. Nervoso e tenso, Bruno chegou no ponto combinado. Era um restaurante no centro da cidade. Cada uma estava em uma mesa, aguardando por ele. Mas, e agora Bruno? No passado, ele sempre teve admiração pela Thaís, mas ela, até aquele dia, não demonstrou reciprocidade. Já Gabriela, nunca disse nem sim nem não. Ele escolheu o que veio no seu coração. Decidido, chegou até a mesa e se declarou. Mas, para sua surpresa, era um encontro para revelar que ela, Gabriela, o considerava como irmão. Enquanto na outra mesa, Thaís com o coração na mão, queria fazer uma declaração. Que desejava conhecer melhor o Bruno. E agora, o que fazer? Pensou ele. Triste com a cena, Thaís foi embora. Encabulada, Gabriela também. Ir atrás de quem, agora? Refletiu. Saiu do restaurante. Pediu um táxi e retornou para sua casa. Até que ela ligou. E falou o quanto ela sentia. Que não tinha a intenção de estragar aquele momento, porém não aceitava a confusão de sentimentos. Mas, que o melhor a ser feito era que se distanciassem. Em

consideração a ela. Bruno, triste, foi assistir um filme na sua casa. Até que decidiu mandar uma mensagem, pedindo mais um encontro. Que era necessário esclarecer melhor a situação. Anos depois se casaram. E, se não fosse aquela mensagem, pedindo reconsideração, talvez Bruno e Thaís, nunca entenderiam que tratando-se dos sentimentos do coração, não existe aquilo que chamamos de previsibilidade.



# 13

## HUMOR

***Kauê Monteiro***

Humor

Só vejo o céu cinza, não é chuva  
nada para mim é claro.

Escuro como a noite, me sinto mau.

O mau humor do meu bom amor.

O teu humor, o meu humor...Amor.

O amor e o humor.

Se bom-bem e se mau-mal.

Seu mau humor, meu mau amor.

Se bom humor o céu se abre, não é Sol.

É luz, alegria , felicidade. Amor...

Seu bom humor, meu bom amor.

O meu amor pelo seu humor,

Independe do seu bom humor.



# 14

## MEDO

*Lucas Brasil*

De quê? De quem?

De onde? Já chegou.

Já chegou?

Não sei, não quero olhar.

Mas...

Não quero, já disse.

Vai ter que olhar mesmo.

Não vou.

Geleiras impenetráveis são os meus pulmões!

Gelam, quebram, engolem a si mesmos.

Devoradores!

Estou suando.

Ninguém liga!

Ninguém liga?

Ninguém.

Estou sozinho?

Sempre.

Nem sempre.

Isso é bom?

Não sei, sabe lá quem está com você.

Ei! Não me deix...

Já deixou.

Escuro.

Barulho de gota batendo no chão.

Silêncio.

Silêncio ruim, sem paz.

Fome, sede, solidão, cheiro de carne podre.

Frio, nudez.

Mais cheiro ruim.

Passa por mim como o sangue pela veia.

Quem é que estava falando?

Era eu?

Era eu,

Eu?

Sim, eu mesmo.

É o medo.

Já chegou?

Não sei, não quero olhar.

Mas...

Não quero, já disse.

Medo?

De quê? De quem?

De onde? Já chegou.

Já chegou mesmo?!

Tem certeza?

Você volt... Deve ser minha cabeça.

Alguém acende a luz?

O quê? Não há luz?

**MEDO!**

De quê? De quem?

É segredo íntimo e inócuo,

Mas, espera, ó céus!

Essa coisa tá engolindo meu esôfago.

Medo?

Não, idiota.

Uma pausa na informação.

Claro que sim!

Mundo nervoso que grita, me bate e corre.

Passos.

Barulho de ossos mastigados.

Já chegou?

Não sei, não vou olhar.

Mas...

Não quero, já disse.

O sangue não circula, só o medo.

O cheiro parece estar na minha frent...

Não! Não pode ser!

M a s é .

Assim ele é.

Assim ele me engole e me joga entre os desfiladeiros dos seus dentes!





# 15

## O som do Chamado

***Valéria Cristina Lopes Marques***

Há uma voz interna que nos chama à vida.  
Que desperta o inconsciente.

Abre nossos olhos para desfrutar os dias por mais  
um instante. Um único instante de lucidez.

Embalados pelo som da loucura, caminhamos.

Por momentos, a voz nos faz vislumbrar a sanidade.

Mas os sons se misturam aos ruídos, às lágrimas,  
ao bem e a todo o mal derramado.

E o certo se confunde com o errado.

Mas já não há compreensão pelo certo e tendemos  
a seguir o errado. Nos calam em meio a uma  
multidão que grita.

Frases desconexas; pensamentos emitidos sem serem sentidos.

O "eu" se mistura ao "todo".

Mas o "todo" não ouve o "eu", apenas impõem o que acha ser suaverdade.

Aos poucos, aquela voz que ecoava silenciosa, não tem forças para serouvida.

Chamados e missões espirituais são mal interpretados. Falsos profetas criam histórias.

Ouvidos confusos pela insanidade, a tomam como verdade.

E a voz sussurra aos ouvidos:

- Silencie as palavras agressivas.
- Feche os olhos às imagens que chocam.
- Deixe as críticas para trás.
- Escute seu coração.

O mundo está ferido. Não sejamos punhos que socam, mas mãos que acariciam.

Não sejamos língua que fere, mas lábios que beijam.

Que em meio ao caos, possamos fechar nossas bocas e abrir nosso coração para emanar o bem que o mundo precisa.



# 16

## Odisséia

***Lucas Brasil***

No começo, era sem forma e vazio.

Começo de jornada estelar,

O princípio da alma,

A espreguiçada inocente do ser que acaba de nascer.

Maleável e ingênuo;

Sonhador e com a cabeça em Saturno.

Um indivíduo,

Apenas mais um.

Uma vida, um número, nada mais, nada menos.

O tempo passa,

O novo se torna experiente.

A vida acontece, te leva como a onda inesperada na praia da sua infância. De repente, não é mais sem forma.

Não mais vazio, mas nem por isso é bom.

Às vezes seria bom ser vazio durante muito tempo,  
Preencher-se apenas com o essencial.

O tempo passa mais, a reciclagem interna acontece,  
E então de novo, e de novo, e de novo.

"Ah, mas disso eu não sabia!".

Pois é.

"Eu achei que fosse assim!!"

Pois não é.

"Agora eu sei o que faço".

Continue.

"Eu não sabia era nada".

Não mesmo.

E o vazio volta, mas é alívio.

A dor existe como inexorável lição.

Mas agora, existe a consciência de cada coisa e,  
Principalmente das dores em suas inúmeras formas.

A neutralidade, a impermanência,  
O desapego da própria identidade,

A permissão diária para mudar e admitir que ser vazio é  
estar aberto para o presente.

Mas quem muda tanto não pode estar pra sempre nos  
mesmos lugares, Com as mesmas pessoas,

O ser sem forma não vai ser terra fácil de pousar,  
Não terá conforto seguro e diário.

O tédio o levará adiante,

O passado será história e memória platônica.

Sua alma faz viagens intergalácticas quando os olhos se fecham, O corpo não existe quando isso acontece.

Não há eu, não há nada.

Tempo? o que é?

Infinito.

É,

O agora.

Somos, pois deixo de estar separado.

Sou e é, porque existe o 'eu' mas existe o 'ele'.

O tal do viajante contraditório.

Então, somos um, sou um com todo o resto.

Ele é. ´

É comigo um, também.

Somente por um instante, mesmo que o tempo deixe de existir e esteja incorporado na eternidade da meditação.

Viagens boas, imensidão dentro do peito.  
A mente comanda,  
A mente deixa o mar nos tragar para sempre.  
Se não quero existir, então existo.  
Existe.

Esquecidos são os seus,

O momento simplesmente é.  
Está,  
Flui,

Continua para o sempre que não existe.  
Nada existe, somos nada,  
Existimos então.

Mas apenas brevemente.

Às vezes tenho o vislumbre de ser alguém, alguma coisa.  
Mas acho que foi um sonho.  
Como posso saber?

Vejo um nome, um rosto, uma vida.

Apenas mais uma entre tantas que precisa despertar.

A realidade seria uma ilusão?

Pode ser, pode não ser.

Do que eu sei?

Nada.

Inconstante, em constante mutação,

Mas consciente de ser assim tão cheio de transformação.

É o preço a se pagar para quem mergulha dentro de si,  
deixando tudo para trás. Os amores ficam pela metade,  
As dores se tornam lições que nunca serão esquecidas.

"eu não posso ficar, sou um viajante, todo dia descubro  
algo errado sobre o mundo e sobre mim e é sempre nesse  
algo que vive a minha mente".

O ser vazio vive no presente, no infinito,

Mas tudo muda tão rápido que é impossível acompanhar  
sua trajetória. Inconstante, variando,  
A memória distante de quem um dia o amou,

Mas ninguém saberá que ele conquistou a si mesmo;



Pulando agora de galáxia em galáxia, explorando todas as estrelas.

"Que sejam tantos mistérios descobertos que a vida me permita, mas saiba que minha jornada só pode ser vista de perto por pouco tempo, e por nenhum; escrita".

Assim sua vida segue em atos separados e interligados,  
Como grandes relatos simbólicos e reais,  
Levantando a dúvida do mochileiro,  
Que sabe, que sente que;  
Há algo muito além,  
Subjetivo em sua essência,  
Gritante mesmo que esteja subliminar,

Indo e fluindo mesmo em meio às nossas projeções.  
Asas de águia,  
Essas que nos levam através do nosso sofrimento,

Trazendo a maturidade necessária e a orientação na  
passagem terrena, No aqui, descobrimos que o físico é  
apenas um aspecto.

Temos conceitos, leis, regras.

É difícil deixar de ser objetivo e ser etéreo em esferas que não podem ser definidas.

O restante é um mistério eterno.

A rebeldia do conhecimento e da admissão de que somos pequenos, Mas temos muito poder em nossa vontade,  
É o que nos guia para um nível acima.

Mais um degrau na peregrinação cíclica e inevitável.

Temos escolhas dentro de nossas vivências, mas não escolhemos o que será vivido.

A reação é nossa, as consequências também.

O renascimento é necessário, diário, mensal, milenar ou sabe se lá como pode ser contabilizado.

A celebração é o ápice,

O entendimento de que cada momento sempre será único.  
Nossa vida é um jogo de tarô sem fim e sem começo.

Nós só estamos, por pouco tempo, ou quase nada.

E então, ela vem.

A senhora do destino,

A irremediável partida.

Ela, que no meio de toda essa filosofia,

Abre nossa porta no meio da noite para nos levar,

Com dedos de algodão no meio do sono,

Ou garras enferrujadas que perfuram nosso coração,

Fazendo com que ele pare,

Pare para sempre, pelo menos nessa existência.

Se tenho medo da morte?

Me chame quando for a hora, não pretendo prolongar  
demora;

Eu vou embora até agora sem perder o tempo que não  
tenho mais. Até por isso eu penso às vezes,

E repenso, imagino, me sinto como o menino;

Que um dia descobriu que iria morrer.

Eu não sou, mas estou, por enquanto,

Sem panos, enganos ou ilusões ardilosas.

Sempre pronto no contraponto da ideia que todos  
'deveriam' ter.

Os pensamentos mais íntimos irão comigo para o poço obscuro do silêncio. Não diria que disse todas as palavras entaladas;

Elas se escondem pelo obsoleto vestígio da minha mente.

Eu as busquei, procurei,

Mas não vi sentido em dizê-las.

Eu prefiro esse silêncio duvidoso, a simbologia,

O quarto secreto onde vejo esses pensamentos passarem como vultos; Ou ratos que desaparecem.

Não vou perseguir as minhas palavras de despedida,

São elas que não querem sair da marginalidade.

E assim eu respeito o meu vazio, o desapego,

O ato de libertar os passarinhos que por muito tempo colecionei. Pronto a qualquer minuto,

Deitando onze e onze da noite como se o mundo não fosse (me) acordar no dia seguinte;

Com o sol na cara.

Ficam as janelas, as histórias,

A memória e o físico que um dia mudará de forma e matéria.

Eventualmente, algumas palavras se encaixam na despedida que alguns gostaria de ter.

Mas o resto vai,

Interrompido como se eu tivesse parado de falar no meio de uma



# 17

## Para Ele!

***Cristiany Azamor***

Ele é o-mar...

E como o mar, ele é calma.

Calma quando dorme ao meu lado,

Quando se deita no meu colo,

Quando me encara com seu olhar que sorri.

Ele é o-mar...

E como o mar, ele é mistério.

Mistério quando foge do meu afago,

Quando viaja para outro solo,

Quando me conta suas histórias que eu não vivi.

Ele é o-mar...

E como o mar, ele é tormenta.

Tormenta quando me confunde e é vago,  
Quando se agita e eu me enrolo,  
Quando me fala coisas sem medir.

Ele é o-mar...

E como o mar, ele é beleza.

Beleza quando me pede e me dá cuidado,  
Quando faz arte como um Apolo,  
Quando me mostra outras formas de se existir.

Enfim, ele é o-mar...

E como o mar, ele também é prazer!  
Prazer quando me envolve em seu abraço,  
Quando me puxa e eu me embolo,  
Quando me penetra e me faz sentir...

Ahhh, ele... Ele é o-mar, ele é Omar, ele é o meu mar!



## Resquícios

***Diogo Lago Paiva***

Resquícios de uma noite e a falta que isso faz, resquícios da presença disso tudo, são as grandes diferenças que nos fazem ser iguais. Resquícios abafados pelo tempo, resquícios são vitais, são estes que à noite te atormentam, te despertam ao dia e à tarde são virais. Era como se nossos passos tivessem se grudado e os caminhos antes distintos agora se encontravam. Como nossas almas algemadas, prendidas em vidas passadas, mas a ânsia de viver era o que nos libertava. E vivíamos sorrindo das histórias que contava, contávamos sorrisos das histórias vividas, sorriamos vivendo mesmo sem ter muita graça, e agora tudo é cinza e a imagem se despedaça na vidraça. Sozinho me desfaço dos resquícios que remetem aos meus vícios e me levam a você. Meus vícios fora de categoria ainda são meio dia e eu preciso de mais de você. Você é meu objetivo, meu problema e meu limite, sou eu atravessando o espelho pois na verdade você nem existe.





# 19

## Sobre Saudades e Pingos de Chuva

*Isabela Carvalho*

É claro que a gente sente falta.

A gente sente falta de caminhar até a esquina

A gente sente falta de dizer “vamos tomar um cafezinho?”

A gente sente falta

De pegar chuva e correr para se secar

De sentir o calor do sol na pele

Do vento batendo na cara

A gente sente falta

De ir no cinema e comer toda a pipoca antes do filme

começar De dar um pulinho ali na esquina

De gargalhar do causo contado na mesa do bar

A gente sente falta

Saudades

De quem já não se pode abraçar

De quem já não se pode ver

De quem já não se pode despedir com um ou dois  
beijinhos Já marcando de se reencontrar

A gente sente falta de muita coisa

Mas quando isso acabar

Façamos dessa falta, presença.



# 20

## Sou homem, sou humano, reconheço-me no Estranho!

***Joelma Fernandes***

Sou homem e sou humano!  
Aprendi que desde sempre  
Concordei com o engano!

Sou homem e sou humano!  
Aprendi a reconhecer  
O fruto do meu trabalho  
Como estranho!

Sou homem e sou humano! Não  
falaram que essa educação Era  
produto do engano!

Sou homem e sou humano  
Esqueci que meus pais  
Se formaram no cotidiano!  
Sou homem e sou humano!  
Desaprendi a aprender  
A não consentir com o engano!

Sou homem e sou humano

Agora sei que ascender às classes  
É produto desse engano!

Sou homem e sou humano  
Descobri que só na luta, na disputa  
Vencerei o engano!

Sou homem e sou humano  
Só agora reconheço-me  
No estranho!

Inspirado na obra de Marx e  
Engels – A Ideologia alemã:  
crítica da mais recente  
filosofia alemã



# 21

## Velhos Amigos

***Felipe de Paula Sá***

Sentados à mesa, os quatro velhos amigos brindam suas bebidas e se preparam para mais uma tarde de jogos, como fazem de costume, uma vez por ano.

-- E aí Abraão, como é que tá? Firmeza? Pergunta o primeiro deles.

-- Firmão, mano. Sabe como é que é né. Tá corrido, mas o trabalho é o trabalho, se nós não fizermos, quem mais vai fazer?

-- É impressionante, ele sempre vem com esse papinho mole. Pronuncia o terceiro amigo.

-- Vai se ferrar, Jeremias.

O quarto deles vira o copo inteiro de uma só vez, e se ajeita na cadeira.

-- Vamos logo com isso, ou se esqueceram que estamos aqui por um motivo?

Todos concordam em silêncio e sem mais delongas, o jogo se inicia. A primeira rodada é tranquila. O dado de seis faces é lançado por cada um deles, várias vezes. O

primeiro a dar a arrancada e disparar no placar é o segundo, mas logo fica para trás e a disputa principal se simplifica entre o quarto e terceiro. O tempo passa e eles se divertem, deixando a bebida derramar em alguns momentos de tanta euforia. Depois de uma disputa acirrada, o jogo acaba, e o terceiro sai vitorioso.

-- Beleza! Finalmente ganhei uma depois de tanto tempo perdendo. Qual é o planeta da vez mesmo?

-- Planeta Terra, cara. Meu Deus, como você pode ser tão tapado?

-- Qual?

-- Aquele com os humanos, que o Jeremias lançou a Peste Negra há um tempo atrás e um monte deles morreram.

-- Ah sim, sei qual é. Acho que vou seguir essa onda aí, já que eles estão vivos por tanto tempo. Que tal uma pandemia global?

-- Sádicos como sempre, hein. Diz o primeiro estalando a língua e recolhendo os copos da mesa.

-- Por hoje é só né? Talvez eu dê um descanso a eles, caso ganhe da próxima vez. Diz o quarto se levantando junto das outras entidades e desaparecendo dali.



# 22

## Vem, por favor!

***Lucas Brasil***

Dança comigo;

No embalo da vida comum,

Na madrugada que silencia,

Durante a tarde febril,

Ou na manhã perigosa,

Onde os cigarros repousam gelados no cinzeiro,

E a sua cabeça no meu peito.

Quando os gatos nos rodeiam junto ao Sol,

E o ordinário ganha espaço na rotina.

Espreguiçada, respiração pulsante.

Será que tudo é real ou sou mais uma variante?

Mas eu me animo, me reviro na cama.

Teu cheiro inunda o ar.

O vento vem me abraçar.

Na janela, você pendura o seu pijama.

Levanta com calma, singelo despertar.  
Abra a janela como se fosse a vista para o mar.  
Sente o cheiro salgado, o ritmo preguiçoso.  
Natural como a vida, o perfume amadeirado,  
Veja a natureza, vagarosa, sem pressa.  
Na tranquilidade inerente, tudo é realizado.  
Não sou rico de matéria,  
Mas minha artéria se entope de tanta poesia.

Vem agora, que a gente dança!

Em cada segundo de decomposição gradativa e inevitável  
do nosso físico latente.

No carro, no supermercado,

Na frente de tantos estranhos inquietos!

De manhã, saindo pra trabalhar.

Aumenta o som,

Balança a cabeça,

Fecha os olhos um pouco só,

Saboreia o café,

Admira a paisagem simplória da tua sala.

Fala com o seu gato, pois ele te entende.



Sorria para o estranho que tenta entender sua  
peculiaridade,

Não mata o inseto que te perturba,

Mas abra a janela para que ele VIVA.

Encontra a luz que já existe dentro de você,

Pois é ali que o mundo começa a mudar.

Outra trilha sonora, outro doce incenso que queima  
devagar na sua porta.

A Lua já se sente à vontade para deitar sobre você.

Entra sorradeira, ilumina suas curvas.

A eterna companheira do silêncio irrepitível.

O adubo cargueiro salpicado de uvas.

Eu masco e me amasso na luta diária!

Dança, dança, dança, mas;

Não esquece que tudo isso vai acabar...

Muito antes do que a gente imagina.

Olha pro céu,

Agradeça ao que for,

Deus? Deuses? Seus guias? Seus pais? Você mesmo?

Faça sua oração, usando palavras ou não.

Pode até ser só um olhar desacompanhado de  
pensamentos.

A piscada lenta diante do céu e sua bela imensidão.  
Seja grato a cada detalhe bobo que passa pela janela da  
tua visão.

O ar entra para o seu pulmão,

Como água que banha o frutífero da flama engessada,  
Mas você não é um robô.

Tem calejadas feridas sofridas pela epiderme.

Seja consciente de cada suspiro,

É respirando fundo que se vive de verdade.

Vou te chamar então, mais uma vez.

Pra que mesmo dividindo uma cama,

Não nos falte o entusiasmo jovial dos desejos incessantes.

Que nosso beijo seja quente, infernal, latejante.

Agulhada profunda no coração sem anestesia,

Adrenalina líquida de espasmos emocionais,

Uma vontade tão intensa que ultrapasse a palavra, o gesto,  
o pensamento.

Um mergulho instantâneo e feroz no centro da tua  
existência.

E que assim, nessa dança, sejamos apenas uma melodia.

Mesmo que pareça durar um segundo no conceito  
temporal,

Seremos um infinito atado de asas douradas sob o portal!  
Um fá inveterado, suspenso, arranhado...

Gravado como pintura rupestre nas paredes grossas do  
meu peito enlameado.

Já dancei sozinho por muitos verões!

No invernos, me aqueci na fogueira dos sonhos perdidos.  
Sonho acordado, sou mestre engasgado,  
Palavras me saltam pela cicatriz dos sentidos.

Dança comigo;

Enquanto suas pernas ainda tiverem energia.

Dança até o final, até a última gota de vida.

Cumpra sua missão,

Seja ela grandiosa ou existindo no silêncio de uma única  
vida.

Morra na paz de ter vivido cada segundo com intensidade e  
dança.

A dança da alma que está em paz com todo o resto.

A alma que se funde às plantas, animais, montanhas...

E a cada ser humano que abraça a luz.

